

A redescoberta cultural dos Tembé

O Brasil é um país de mitos. Um deles é a célebre tese, não muito verdadeira, da linda síntese étnica das três raças — a branca-européia, a negra-africana e a ameríndia — para esconder todos os preconceitos, que na prática se apresentam não tão suaves quanto na teoria, existentes em toda a extensão do país. Se o negro não escapa, em momento algum, das mazelas que a sociedade impõe a "tipos" que considera diferentes, já que o mestiço Brasil sofreu um processo de "embranquecimento", principalmente com a mudança da monarquia portuguesa para as terras do lado de cá do Atlântico (e com ela todos os seus valores de colonizados), os índios, nem se fala.

Taxados de preguiçosos e enlaidados, os brasileiros herdaram dele a chamada "preguiça" e o hábito de dormir após as refeições. Os Tembé, no entanto, passaram por um processo de aculturação maior e a carga de preconceitos que carregam, hoje, é maior que a de qualquer outro grupo. Desde o ano passado, vendo sua reserva ameaçada de invasão por parte de posseiros, os Tembé passaram por um processo de revolução cultural, buscando a saída na redescoberta de suas raízes antigas, perdidas desde o contato com a civilização, datada do século passado.

Não se sabe como nem quando os índios que habitavam o vale do Pindaré, no Maranhão — a grande nação Tupi-Tenetejara — chegaram às terras paraenses. Mas acredita-se que, a partir do século XIX, seu território passa a ser submetido a um processo de invasão por parte de regatões, extratores de óleo e outras frentes extrativistas. Segundo o pesquisador Márcio Gomes, entre 1830 e o final do império, os Tenetejara dispersaram-se por uma vasta região nos contornos do rio Mearim, no centro-sul maranhense, até às margens dos rios Guamá, Gurupi e Capim, no Pará.

Só em 1944 é que José da Gama Malcher, chefe da Inspetoria Regional do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), uma entidade paternalista que depois deu lugar à Fundação Nacional do Índio (Funai), requereu uma reserva de terras entre as margens do rio Gurupi e Guamá, para esses índios, só legalizada no ano seguinte, pelo então interventor coronel Magalhães Barata. Nessa época, as tribos se dividiram, estabelecendo-se em dois lugares: às margens do Rio Guamá, entre os municípios de Viseu, Ourém e Paragominas e às margens do Gurupi, quase divisa com o Maranhão, mas a noroeste.

Na década de 60, a Amazônia vê-se assolada pela ocupação das grandes empresas. Juscelino Kubitschek acreditava que a região amazônica, um imenso espaço verde desocupado e inicia a construção da Belém-Brasília. Com a

construção da rodovia, muitas estradas vicinais surgiram. Nessa época, o agente do SPI estimulou a entrada de regionais nas reservas indígenas, o que propiciou os casamentos interétnicos. "Daí os Tembé começaram a se misturar", conta a antropóloga Carmen Afonso, técnica da Funai. "Hoje é comum vermos negros na tribo, que se identificam com a raça, o cruzamento de uma índia com um negro e muitas outras misturas. Índio é aquele que se identifica com os elementos culturais dessa raça. Como houve muitos cruzamentos, os Tembé passaram a ser estigmatizados como não-índios".

Foi movido por esse estigma, e por outros interesses, que o então presidente da Funai, em 1970, o general Bandeira de Melo, propôs ao governo do Estado a desinstituição da reserva Alto Rio Guamá, sob o argumento de que lá não haveria mais índios. Então começa a invasão das áreas indígenas do Guamá, com o aval da Funai. A demarcação da terras demora seis anos e referendou então as áreas já decretadas desde o governo de Magalhães Barata.

Nesse mesmo ano, a empresa Mejer, localizada a leste da reserva do Guamá, começa a abrir uma estrada que cortava a reserva, sob o argumento de que serviria para escoar a produção da tribo. A construção da estrada é interdita, mas a Mejer consegue, através da intervenção de Bandeira de Melo, uma autorização para prosseguir na abertura da estrada. Começaram então a surgir os posseiros. "Esse processo dura doze anos, dos quais dez ficaram parados. No ano passado, o novo presidente, Frederico de Miranda Oliveira, decidiu reiniciar os processos, além de reunir os índios para discutir o caso", conta Regina Fonseca, chefe da divisão fundiária da instituição.

Durante dez anos, os Tembé do Alto Guamá perderam contato com seus pares das margens do Gurupi. Esses últimos, no entanto, conservaram suas características culturais, firmando as tradições, enquanto que os primeiros perderam totalmente seus hábitos, motivados pelo contato com a instalação de quase duas mil e quinhentas famílias de posseiros (estimativa da Funai), ao longo dessa década.

Perderam, mas reencontraram. Devido ao impasse, os índios começaram a tentar resolver o problema. Buscaram, entretanto, auxílio em suas tradições, travando contato com a tribo do Gurupi e redescobriram suas origens. "No ano passado, difícil era encontrar um Tembé pintado. Quando fui visitá-los, este ano, quase todos já se pintam e até a língua, que antes só os mais velhos dominavam, já é dominada pelos mais moços. Até suas músicas e festas foram redescobertas, como a festa da moça ou do moquiado", conta Carmen



Sacrifício do retorno: no Alto Guamá, os Tembé reencontram com boa vontade sua cultura perdida



Índios estigmatizados: os Tembé aceitaram casamentos com outras raças e acabaram marcados como não-índios, perdendo assim suas terras